

PALAVRA E CRUZ

Apparício Silva Rillo

Escolho por chamar-te Nazareno
para falar contigo frente a frente.
Aliás, como sempre faço, quando cruzas
nos dezbros de sóis à porta do meu rancho
e antes do Ó de casa! eu te convido:
-Apeia!

Há em ti um quê de amargas mágoas
-caragatás de banhado a te arranharem.
E sei, embora bruto,
bicho do campo que sou, travestido de
homem,
de que raiz brota a tristeza que pressinto
no azul-lagoa de teus olhos mansos.

É que passas cada dia a minha vista,
a pouca braças dos portais do rancho
frenteando a estrada que te leva e traz.
E apenas uma vez em cada ano
-no dia de Natal -
eu te convido para um mate breve
cevado pela mão da companheira.

E falamos tão pouco, Nazareno,
mais por silêncios do que por palavras!
E nelas, nas escassas que te brotam
no coração para os lábios, como um sopro,
me conta que vem mermando teu rebanho
-ano após ano -
e cada vez menos amigos te convidam
na voz fraterna do Apeie! Passe adiante!

E dizes que ao contrário de outros tempos
-longínquos como a Estrela que te guia -
a tua marca de campeiro pobre
-a mais simples das marcas, uma Cruz -
quando surge do íntimo dos homens
é para luzir em metal sobre seus peitos,
símbolos de vaidade e não de fé.
Volta-me a cuia e tua voz me volta:

"Esses que a usam sobre suas véstias
não a levam pela Cruz, mas pelo adorno.
São eles meus cordeiros desgarrados
do rebanho que foi grande em outras eras,
apascentando em largas sesmarias
de aguadas frescas e trevais em flor,

-hoje um potreiro de guachos desmamados
que ainda creem no caminho que assinalo
com meu cajado de irmão e de pastor."

Um mate para o estribo.
Tua mão leve me abençoa.
Teu sorriso de triste e tu na estrada
ao tranco viajeiro de um burrinho
no rumo encandescido do poente.

Cada vez mais pequeno o Nazareno.
De longe, o seu aceno:
o pala branco, a asa de um adeus.

Minha cruz de couro-cru sob a camisa
dói-me na pele,
me constrange o tordo.
Arranco-a do peito, num tirão.
-Cordeiro desgarrado não tem marca!

Meu grito é como um chumbo de garrucha.

Alto,
o azul-escuro rompe-se a seu eco
e dos flecos do poente a estrela Vésper
desce do céu e pousa-me na mão.